



UFAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES(ICHCA)

CURSO DE JORNALISMO

RELATÓRIO TÉCNICO
(de Trabalho de Conclusão de Curso)

TÍTULO DO PROJETO EXPERIMENTAL:

**A CENA MACEIOENSE EM MOVIMENTO: PROBLEMAS E DIAGNÓSTICO PARA A
MANUTENÇÃO DO CENÁRIO DO ROCK NA CAPITAL ALAGOANA.**

NOME DO ORIENTADOR:

Victor de Almeida

NOME DO ALUNO:

Giselly Vitória da Rosa Santos

Maceió, 2024

**A cena maceioense em movimento:
Problemas e diagnóstico para a manutenção do cenário
do rock na capital alagoana**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do grau de Bacharel em
Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Victor de
Almeida Nobre Pires

**Maceió
2024**

Catlogação na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária: Maria Helena Mendes Lessa – CRB-4 – 1616

S237c Santos, Giselly Vitória da Rosa.

A cena maceioense em movimento : problemas e diagnóstico para a manutenção do cenário do rock na capital alagoana / Giselly Vitória da Rosa Santos. – 2024.

34 f.

Orientador: Victor de Almeida Nobre Pires.

Relatório (Trabalho de conclusão de Curso em Jornalismo) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Maceió, 2024.

Bibliografia: f. 30-34.

1. Jornalismo. 2. Música. 3. Rock – Aspectos sociais – Maceió, AL . I.
Título.

CDU: 070:78(813.5)

Dedicado à minha querida mãe, que sempre esteve comigo durante toda a graduação e nunca me deixou desistir nos momentos mais difíceis.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me guiar, me ajudar a superar os empecilhos de uma jovem tímida que ama contar histórias e me fortalecer ao longo da graduação em Jornalismo. À minha mãe, meu pai e meu irmão Givanildo Vitor, que sempre estiveram ao meu lado, nos bons e maus momentos que vivenciei nesses quase seis anos de lutas e vitórias em busca de meu tão sonhado diploma. Aos meus melhores amigos, que ganhei no curso, Letícia Aguiar e Lucas Henrique, os quais eu pude contar com incontáveis apoios e compartilhar momentos incríveis e encorajadores na Universidade Federal de Alagoas, amigos estes que me ensinaram o real valor da amizade e pretendo levá-los para a vida, se assim Deus permitir. Ao auxílio e paciência de meu orientador Prof. Dr. Victor de Almeida Nobre Pires, que me direcionou no decorrer de toda produção e discussão do produto experimental que pude sonhar e conceber. E por último, mas não menos importante, a todos os professores que fizeram parte de minha graduação e contribuíram, com seus ensinamentos, no molde da profissional que desejo ser daqui para frente.

“Nunca tenha vergonha de tentar. A falta de esforço é um mito”. (Taylor Swift)

RESUMO

O caderno especial de jornalismo cultural **Cena em Síntese: O rock maceioense em movimento** é um produto experimental realizado para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). O projeto pretende apresentar as formas que o jornalismo cultural, enquanto formador de opinião, pode promover a cena do rock maceioense, um âmbito musical explorado pela mídia jornalística local. As pesquisas, levantamentos e entrevistas realizadas exclusivamente para o produto, foram obtidas durante o ano de 2023. O conteúdo identifica alguns dos problemas enfrentados por músicos na cena do rock local, devido à falta de apoio e visibilidade em veículos jornalísticos, utilizando meios jornalísticos oriundos da reportagem narrativa.

Palavras-chave: jornalismo. rock. caderno especial

ABSTRACT

The special cultural journalism notebook **Cena em Síntese: O rock maceioense em movimento** (*Scene in Synthesis: Maceio's rock music in motion*) is an experimental product produced for the Journalism Course Conclusion Work (TCC) at the Federal University of Alagoas (UFAL). The project aims to present the ways in which cultural journalism, as an opinion-former, can promote the rock scene in Maceio, a musical field explored by the local news media. The research, surveys and interviews carried out exclusively for the product were obtained during 2023. The content identifies some of the problems faced by musicians in the local rock scene, due to the lack of support and visibility in journalistic vehicles, using journalistic means derived from narrative reporting.

Keywords: journalism. rock. caderno especial.

SUMÁRIO

Introdução	11
Objetivos: Geral e Específico	13
Fundamentação Teórica	14
Processo de Produção Jornalística do Trabalho (Nível Descritivo)	25
Resultados e Discussão (Nível Interpretativo)	28
Considerações Finais	30
Referências	31

INTRODUÇÃO

A paixão pela cena do rock, atrelada ao interesse em contar histórias que o jornalismo dispõe, me instigou a buscar compreender alguns dos motivos pelos quais o rock — ainda — não tem a visibilidade merecida em território maceioense. A partir disso, tive uma série de questionamentos sobre os artistas que pertencem à cena, suas vivências, lutas, receios e sonhos. Indagações que foram essenciais para a produção de um caderno especial voltado a estes assuntos, destacando problemas e diagnósticos.

Este relatório aborda as metodologias utilizadas na composição da parte teórica e de criação de uma série de reportagens especiais — interligadas e — inclusas no caderno especial **Cena em Síntese: O rock maceioense em movimento**. Logo, o produto experimental pretende evidenciar como a disseminação de informações sobre o âmbito cultural, especificamente o musical, pode ser auxiliado diretamente com a oportunidade de visibilidade gratuita e, conseqüentemente, com o aumento de investimento de terceiros e acréscimo na renda de músicos e contratantes. Fatores estes que vão ser destrinchados por intermédio de estudos que embasam técnicas jornalísticas de reportagem narrativa, de cunho cultural, que se relacionam aos processos de investigações, levantamentos e entrevistas com fontes ligadas ao tema central, esmiuçados nas seis reportagens criadas para o caderno especial.

A escolha do produto, bem como o estudo e a elaboração das pautas frias que resultaram em seis grandes matérias relacionadas a cena do rock explicitando problemas e soluções em cada uma delas, remete às alternativas de recursos em prol de destrinchamentos dos assuntos tratados com o propósito de familiarizar o leitor às informações coletadas e publicadas no caderno. No decorrer da construção deste projeto jornalístico, serão discutidos alguns conceitos e teorias do jornalismo cultural atribuídos à reportagem, destacados em livros e artigos científicos perpassados por estudiosos ao longo dos anos.

Análises que consistem em salientar alguns dos pontos preponderantes impostos à pauta fria recorrente no gênero textual selecionado, evidenciando contextos históricos que moldaram o jornalismo cultural e a reportagem a qual conhecemos atualmente, por intermédio de depoimentos ligados ao pensamento crítico dos autores. Destacando a notoriedade da imprensa em formar

INTRODUÇÃO

opiniões que podem retratar cenas musicais que não se encontram em alta, no momento, como algo a ser acolhido, aproveitado ou esquecido por quem consome determinados veículos de imprensa.

A cena do rock maceioense foi o tema escolhido para a criação do produto experimental visto que não é um assunto tão reproduzido pela mídia local, assim como o desenvolvimento de um caderno especial voltado ao âmbito cultural, que são publicados esporadicamente por veículos de imprensa da capital alagoana como Gazeta de Alagoas, Jornal Extra de Alagoas e Tribuna Independente — que utilizam formatos digitais e impressos. Os jornais citados difundem poucas informações relacionadas à cultura, e quando adequam algum espaço editorial para a cultura, são laudas insuficientes para expressar a legitimidade de uma luta e da criatividade artística seja local, regional ou nacional.

Dito isto, eis alguns questionamentos plausíveis: matérias culturais não vendem como outrora? Falta relevância em produzir textos noticiosos sobre assuntos que destaquem a cultura da música? Há crise no setor que se contentou com o impresso e não se adequou corretamente ao avanço tecnológico e a chegada do jornalismo transmídia? Com todas estas indagações, seria correto afirmar que as adaptações — e modificações — do jornalismo impresso em relação à resistência e ao consenso tecnológico eventualmente têm contribuído com as raras disseminações de cadernos especiais em prol de informações do entretenimento criativo musical? Estes são fatores específicos que não ocorrem apenas em Maceió, mas em todos os veículos jornalísticos do país.

Desta forma, o embasamento central deste produto experimental vai salientar as alternativas utilizadas pelo jornalismo cultural para sacramentar o que será vantajoso para converter a pauta em audiência e a disseminação do conteúdo produzido em formatos físicos e digitais, revisando as perspectivas de autores especialistas que publicaram estudos referentes ao jornalismo cultural e suas respectivas ações publicitárias acerca de cenários artísticos e a proeminência em ditar o que deve ou não ser consumido por terceiros.

OBJETIVOS

GERAL:

Expor a relevância da cena do rock local visto como algo a ser investido e apoiado ou algo paralelo ao movimento musical que tem se mantém estável há décadas no mercado musical de Maceió e obtém retorno financeiro, assim desmistificando o motivo das raras aparições do gênero em matérias de veículos da capital alagoana, e conseqüentemente, em eventos de grande porte.

ESPECÍFICOS:

- Compreender como o jornalismo cultural, especializado na música, pode contribuir com a relevância da cena local;
- Obter perspectivas que se assemelham ou se distinguem e discuti-las;
- Averiguar os impactos debatidos em prol da difusão cultural na sociedade e nas oportunidades destacadas no mercado de trabalho jornalístico;
- Assimilar avanços e retrocessos ressaltados no decorrer das leituras durante a produção deste produto experimental;
- E avaliar a importância da veiculação de matérias sobre a cena local, expondo como elas podem favorecer de músicos a contratantes e impulsionar a economia.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A pesquisa foi embasada em discussões teóricas sobre jornalismo cultural, reportagem e cadernos especiais por intermédio dos textos publicados por analistas e especialistas da área, como Damasceno (2012), Golin (2009), Ijuim (*et al.* 2008), Jácome e Vieira (2018), Lage (2001), McCombs (2008), Mendes (2021), Olinto (2003), Silva (2019), Siqueira (2007), Rose (2017), Teixeira (2002). Os conteúdos analisados dissertam sobre os amplos contextos que acercam a aquisição de narrativas textuais e visuais empíricas ao gênero da reportagem e do jornalismo cultural, destacando a ética jornalística fundamentadas desde a concepção da pauta, a análise e a elaboração da matéria e sua relação direta com a formação de opinião do público que consomem os conteúdos noticiosos e narrativos publicados em veículos de imprensa.

A cultura e suas respectivas informações concebidas por intermédio de produções jornalísticas, do compartilhamento noticioso até a recepção do público, estão atreladas há gerações. Dito isto, os textos estudados, e aqui destacados, ressaltam a importância de estar atento à realidade e do cuidado ao compreender e conceber narrativas de modo coeso, explorando as possibilidades de aprofundamento intrínsecos ao assunto (Ijuim *et al.*, 2008).

A importância da modernização e veracidade da informação difundida, seja opinativa ou não, expõe o lado ético jornalístico, fato que colabora com a identificação do público, que resulta em fidelidade e confiança de quem consome os editoriais. Obrigação que nem sempre é compartilhada em grandes veículos de imprensa, que muitas vezes recorrem a artifícios oriundos de inverdades com o intuito de triplicar a visibilidade, assim concebendo a manipulação dos informes ou criando matérias que exploram o sensacionalismo. Sobre isso Teixeira (2002) relata:

“[A manipulação noticiosa] está presente naquilo que a mídia agenda para a opinião pública (alguns assuntos são temas de notícia, outros não) e, dentre os selecionados, naquilo que enfoca (qual o ângulo, qual a abordagem do fato selecionado). Tudo isso, obviamente, inclui uma longa discussão sobre a ética jornalística” (TEIXEIRA, 2002, p.2)

O aprofundamento das informações verídicas em narrativas oriundas de reportagens agrega na amplitude do conhecimento social do tema retratado, o que não difere de pautas produzidas para o âmbito cultural.

Reportagem

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo Melo e Silva (2016), a narrativa do gênero jornalístico, reportagem, é proveniente de inspirações derivadas da literatura no século XXI, se destacando somente nas décadas de 1920 e 1930. Os autores portugueses acrescentam: “Contudo, a sua época gloriosa foi interrompida pela segunda grande guerra e mesmo após o seu término teve enormes dificuldades em implementar-se novamente, o que só viria a acontecer nos anos 60”, (2016, p.93).

Em relação ao contexto histórico da reportagem com amplas influências da literatura, Nilson Lage (2001), argumenta:

Do ponto de vista técnico, escritores de folhetins e jornalistas obrigaram-se a reformar a modalidade escrita da língua, ou aproximando-a dos usos orais ou cultivando figuras de estilo espetaculares; ora exagerando no sentimentalismo, ora incorporando a invenção léxica e gramatical das ruas. Descobriu-se a importância dos títulos, que são como anúncios do texto, e dos furos, ou notícias em primeira mão: o jornal que publicasse primeiro o relato de um fato de interesse público seria lido em lugar dos concorrentes e ganharia pontos na preferência dos leitores em geral para as próximas edições. (LAGE, 2001, p.6)

Lage (2001), reforça a afirmação alegando que o poderio inovador da reportagem — na época — disseminou informações relevantes para a comunidade, fatos os quais o público pôde distinguir “o que é privado, de interesse individual, do que é público, de interesse coletivo; o que o Estado pode manter em sigilo e o que não pode; os limites éticos do comércio e os custos sociais da expansão capitalista”, (2001, p.6).

Faro (2013) assegura que a reportagem não é apenas um gênero jornalístico em meios aos outros, visto que os relatos dissertados concentram os elementos vitais do jornalismo: compromisso com o público e amplitude social.

Para Gonçalves, Dos Santos e Renó (2015), o âmago da reportagem é o aprofundamento da história e a riqueza de detalhes compartilhados por intermédio de elementos descritivos e argumentativos que, ao fim, “informa, emociona, analisa, interpreta, contextualiza, mostra personagens, lugar, divulga números, desvenda processos”, (2015, p.225).

De acordo com Guirado (2004), a premissa da reportagem é a narrativa complexa de histórias relevantes do cotidiano explicitadas desde a origem até a consequência, fatos estes, destrinchados

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

com transparência informativa e investigativa, por intermédio da difusão das especificidades retratadas sobre o assunto abordado.

A proximidade com as comunidades retratadas em cada um dos casos abordados, fomenta a credibilidade jornalística. Sobre isso, Gonçalves, Dos Santos e Renó (2015), afirmam:

Na reportagem muitas manifestações são observadas, ou seja, muitas formas de compor o enunciado são possíveis, dependendo da ênfase no aspecto que se busca observar. O caráter dialógico do discurso evidencia-se na reportagem, pois, o jornalista está em contato direto com o público leitor e também com as fontes selecionadas, além do diálogo estabelecido com outros textos (GONÇALVES; DOS SANTOS; RENÓ, 2015, p.227).

Seguindo a linha de pensamento de Lage (2001), pode-se entender que o conceito documental da reportagem compatibiliza o interesse pessoal acerca do tema com a minuciosidade da apuração visando um resultado de fácil cognição e inclusivo para o público-alvo.

Melo e Silva (2016) reiteram o papel fundamental do jornalismo em contar histórias reais e a proximidade estabelecida com o público, “O jornalismo enquanto conceito surge associado ao dever de informar, ao imediato, à tarefa de espelhar a realidade e acima de tudo a um valor fulcral de uma sociedade democrática: Liberdade”. (2016, p.85).

O jornalismo cultural, oriundo da reportagem, é resultado de investigações minuciosas que abrangem coletas imparciais de factoides relacionados ao tema pesquisado, assim como relata Lage (2001), no qual reverbera que a elaboração e escrita deste texto informativo é baseado na associação do maior número de dados coletados acerca do assunto abordado na pauta, formando um texto completo, sem lacunas ou alterações ocasionadas mudanças de fatos.

Jornalismo Cultural

De acordo com Piza (2004), a origem do jornalismo cultural se deu a partir do ano de 1711, quando os ensaístas ingleses Richard Steele (1672-1729) e Joseph Addison (1672-1719) criaram The Spectator, uma revista diária sobre críticas em campos artísticos da época, “Em outras palavras, a Spectator — portanto o jornalismo cultural, de certo modo — nasceu na cidade e com a cidade”, (PIZA, 2004, p.11-12).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para Ballerini (2015), os textos literários foram os principais responsáveis pela criação e adaptação da crítica cultural impressa. “Curiosamente - e ao contrário do que acontece hoje-, no século 18 a crítica cultural constituía a quase totalidade do que era publicado em jornais e revistas”, (BALLERINI, 2015, p.6)

Ballerini (2015) acrescenta ainda que, no decorrer do século 19, foi produzido, oficialmente, o primeiro exemplar do jornal que iniciou o compartilhamento de textos relacionados à cultura, fato que marcou a origem do jornal ‘As Variedades ou Ensaios de Literatura’, em 1812.

Segundo Rose (2017), o jornalismo cultural é compreendido como a cobertura de expressões culturais que possui duas vertentes: “a organização da mídia e da cultura como um sistema” (2017, p.4). Ou seja, de modo coeso, a elaboração da formação de opinião sob os métodos de entretenimento onde os exemplares jornalísticos sobre cultura são disseminados são preponderantes para o consumo cultural local.

O jornalismo cultural da atualidade apresenta um levantamento das práticas cotidianas que expressam a forma como a sociedade pensa, sente e estabelece sua relação com o mundo presente e com o passado. Reportagens do jornalismo cultural podem ser avaliativas, crônicas ou entrevistas. Essas reportagens podem fazer parte de suplementos de jornais e revistas, programas de rádio e televisão, fanzines, sites, 5 seções de cultura de jornais, blogs e redes sociais, sem esgotarmos, porque a cada dia parecem estar surgindo mais gêneros para a produção da área. (ROSE, 2017, 4-5)

O pesquisador Franthiesco Ballerini (2015) menciona ainda, o surgimento de revistas e suplementos culturais no Brasil, em meados do século 20. Enfatizando o poderio midiático que o lançamento da revista ‘O Cruzeiro’ conquistou a partir da primeira edição.

Sobre o Cruzeiro, Ballerini (2015) expõe a habilidade dos editores de modo coeso para a época: “Era uma porta-voz nacional influente por apresentar um visual arrojado, realizar grandes reportagens em série, fazer que os leitores colecionassem as edições e deixar um legado de fotojornalistas de renome por várias gerações (2015, p.15).

Após anos de inovações da forma de se produzir e consumir o jornalismo cultural, Lopez e Freire (2007), ressaltaram que “o jornalismo cultural é conhecido no Brasil fundamentalmente através de

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

dois gêneros: a crítica e a agenda” (2007, p1). Os pesquisadores também destacaram que outras editorias de cunho cultural são, em sua maioria, desconsideradas das páginas dos jornais:

Crônica, perfil, notas e principalmente a reportagem acaba sendo colocada de lado no cotidiano da grande imprensa brasileira, restando às revistas especializadas e, na maior parte das vezes, menos conhecidas do público, essa função. (Lopez e Freire, 2007, p.1)

Para Rose (2017), o jornalismo cultural vai além da produção de críticas sobre o mundo do entretenimento, “Ele permite a experimentação de novas e complexas estruturas da indústria cultural que ajudam a criar a cultura” (2017, p.4). E, também exemplificou a relação do jornalista do ramo com o público que consome os textos: “Os jornalistas culturais são os mediadores críticos entre os produtores criativos e uma audiência culturalmente interessada”, (2017, p.4).

Para Ijuim (et al., 2008), a produção jornalística de qualquer editoria é dependente de convívio com o que é humano e seus relatos, e acrescenta que, o leitor da matéria precisa de algo além da lógica incrementada ao longo do texto, algo como coberturas embasadas em histórias vivenciadas com contexto e diálogos aprofundados, fatos que criam vínculo e familiarizam o receptor da notícia ao que se ler.

Desta forma, a pesquisa e elaboração do jornalismo cultural coincide com a visão de Teixeira (2002), no qual destaca que a singularidade da informação acrescenta potencialmente o interesse de terceiros. O autor ressalta ainda que o ineditismo da matéria jornalística, ou simplesmente “furo” noticioso, seja ele cultural ou não, impõe vantagem sobre a potencial tomada de decisões que a concorrência irá seguir e veicular posteriormente.

Apesar da cumplicidade — e relevância — entre leitores que consomem, com regularidade, assuntos autênticos sobre sociedade e seus destrinchamentos atualizados, não é tão comum observarmos publicações de grandes reportagens de cunho cultural. Sobre isso, Golin (2009), questiona:

Há cultura circulando em colunas, em colunas sociais, em textos dos mais variados tipos, mas e o trabalho jornalístico refinado, de investigação com base na ampliação de um fato, de levantamento de dados, de análise, de contraponto de opiniões? (GOLIN, 2009, p.9).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Seria válido afirmar que os veículos não veem lucratividade na disseminação de textos sobre a cultura? A falta de espaço observada por Golin (2009), contradiz com o apoio que os âmbitos jornalísticos declaram oferecer ao setor do entretenimento local. Mas, e os cadernos especiais de cultura? Ainda resistem às adversidades impostas ao setor? Vejamos a análise do questionamento através do contexto histórico.

Cadernos Especiais

Sobre o início da circulação dos cadernos especiais, Rose (2017) destaca que o surgimento dos informes sucedeu na década de 1960, o que propiciou a inovação na origem de uma geração que modificou o jornalismo — em especial, o editorial advindo da cultura — e a forma de se comunicar com o receptor do fato publicado, novidade que destacou a amplitude de informações sobre os assuntos discutidos e garantiu novidades gráficas.

Damasceno (2012), argumenta que o desafio acatado pelo Jornal do Brasil, pioneiro dos cadernos especiais no país, em criar algo inédito e que aumentasse a aquisição de exemplares. A nova forma de promover e disseminar fatos do entretenimento como notícia, durante a primeira década do novo conceito visual do setor jornalístico, estabeleceu um olhar promissor aos veículos impressos que “consagrou e instaurou uma nova dinâmica gráfica a partir de seu caderno de cultura, chamado Caderno B” (Damasceno, p.24, 2012).

Vieira e Jácome (2018), destacam os cadernos especiais introduzidos ao jornalismo cultural, como tipo de reportagem compactada em páginas avulsas ao jornal convencional que, ao fim, agregou aos vastos temas impostos à comunicação, referentes ao aprofundamento noticioso, disseminação e demanda de tiragens, pontos cruciais que tiveram importância e que, de certo modo, foram alicerces do progresso jornalístico, circunstância que nos anos 1960, a imprensa indeferia com veemência.

“Neles, jornalismo, literatura, política e arte são discutidos com grandes implicações para o campo da comunicação e iluminam, sob o viés das relações entre sedimentação e inovação, uma história ainda pouco abordada. Nesses cadernos, nem o lide expulsou o viés literário, nem a liberdade de estilo foi encaixotada pela chamada pirâmide invertida. Muito menos o autor perdeu sua identidade. Tampouco se furtavam a tratar de política em suas páginas. São, então, exemplos problemáticos para o discurso da ruptura entre o

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

jornalismo arcaico e as novas formas modernas de produção noticiosa” (VIEIRA e JÁCOME, 2018, p. 6-7).

De acordo com Rose (2017, p.9), “Os textos publicados — nos cadernos especiais — traziam em seu teor, um grande aprofundamento e contextualização dos assuntos abordados”. A autora menciona ainda que, a primeira década de circulação desses informes, possibilitou a criação de vínculos do jornalismo cultural com os leitores, que, em maioria, eram exigentes com o que consumiam, devido à censura da época.

A atemporalidade noticiosa que o caderno especial impõe, concede ao consumidor, investigações minuciosas que outrora eram evitados por não pertencer a editoriais que instiga a curiosidade da sociedade, como destaca Silva (2007): “[com o caderno especial] é dedicado maior aprofundamento através das técnicas de reportagens, formato jornalístico utilizado nestes suplementos” (p.10, 2007).

Assim como Silva (2007), Rose (2017) também menciona o impacto positivo da contextualização das matérias culturais perpassadas no caderno. “O maior mérito dos cadernos desta época é que eles foram capazes de criar um vínculo de afetividade com leitores que podiam dialogar com os colunistas” (Rose, p.9, 2017).

Assim, Siqueira e De Siqueira (2007), expõem que, com a atualização e renovação contínua do jornalismo, seja impresso, televisivo ou online, os cadernos culturais inseridos em veículos jornalísticos são tão relevantes quanto as demais editoriais que destacam o lado social da realidade política e econômica, mas nem por isso detém espaço similar. Os autores afirmam ainda que, “Ao lado de um jornalismo que busca ser cópia mimética da realidade (priorizando temas como política e economia), estão os cadernos culturais que poderiam expressar aspectos próprios das culturas. (p.11-12, 2007).

Um dos diferenciais jornalísticos entre o setor cultural e as demais é relatado por Golin (2009), no qual cita a notícia como um “produto perecível”, cujo consumo tem prazo marcado para o desinteresse de terceiros, enquanto o jornalismo cultural não tem tempo determinado para ser considerado velho, visto que, segundo as palavras de Golin (2009) “percebe-se um afrouxamento na obsessão pela atualidade” (p.4, 2009).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Então seria viável assegurar que fatos apurados para a construção de uma matéria sobre cultura ligadas ao dia a dia não são tão interessantes de serem consumidos? Com exceção de um caso excepcional relacionado ao mesmo setor editorial, como notícias de transgressões de artistas conhecidos ou notas póstumas, por exemplo, reportagens culturais não vendem?

Sobre isso, Mendes (2021) comenta que grande parte do que se é consumido por leitores-ouvintes em potencial do jornalismo cultural “segue um histórico de valorações difundidas por publicações específicas em campos distintos do polo do consumo”. O autor intensifica a veracidade do depoimento anterior alegando que “o valor defendido por um público acaba por refletir também o mesmo valor difundido por um veículo”.

Agendamento e enquadramento de opinião

Seguindo a discussão imposta por Mendes (2021), é possível constatar o poder de influência que os veículos de imprensa detêm, e utiliza, para moldar a opinião pública, conhecida como a teoria do agendamento, hipótese levantada durante a década de 1970, pelos pesquisadores estadunidenses, Maxwell McCombs e Donald Shaw.

Perspectiva esta que se assemelha com a de Lima (2021), no qual revela a evidência de que quanto maior a influência que a mídia impõe ao público, maior deve ser o comprometimento com a verdade que é difundida, “a partir do entendimento do jornalismo como produto e agente cultural, há a construção de uma noção de responsabilidade social do profissional para com o mundo atual que lida com a plurissignificação das vivências”.

Nem sempre vai ser possível agradar a todos os leitores, seja por viés político ou social, que acompanham e disseminam a opinião de determinados veículos internet afora como a verdade única. Ou seja, quando pontos de vistas distintos causam colisões entre a mídia e o consumidor noticioso, Mendes (2021) conclui que “a ruptura acaba por gerar o atrito com este determinado público que pactuou com a mesma em relação a este valor rompido”. Vínculos que antes eram sólidos, com a ‘crise de identidade’, tornam-se frágeis, migratórios (para outros meios de informação) ou inexistentes.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Sobre o agendamento de opiniões instituído pela mídia retratado por McCombs (2008), o autor estadunidense reitera que:

Quando falamos em agendamento básico, estamos falando da atenção dada pela mídia a determinados assuntos. Mas quando a mídia fala a respeito de um determinado objeto, ela o descreve de certa forma, a mídia nos fala de alguns atributos. Então, não vamos saber apenas dos objetos de que a mídia nos fala, mas também podemos medir muito claramente as características daqueles objetos que estão sendo falados. Acho que o melhor exemplo de um atributo de agenda seria a respeito dos candidatos políticos, que são as características desses candidatos que a mídia nos mostra. E esses atributos serão o padrão daquilo que é falado sobre os candidatos. Isso pode ser sua biografia, seu passado, características pessoais. Então, para medir os atributos da agenda midiática, podemos, mais uma vez, usar a análise de conteúdo e, para medir, o conteúdo da agenda pública, podemos, mais uma vez, utilizar perguntas abertas nas mesmas pesquisas que medem a atenção com relação a determinados assuntos. (MCCOMBS, p.210, 2008)

Para Gutmann (2006), a influência midiática não se sobressai somente no comportamento dos indivíduos, mas sim “na formação do seu patrimônio cognitivo, cultural e social”, (2006, p.27). Com isso, fica explícito o poder da mídia em ditar o que deve ser consumido vorazmente pela sociedade e o que deve ser deixado de lado, esquecido.

O juízo de valor oriundo do jornalismo cultural pode transformar a vida de bandas e artistas da noite para o dia somente com um simples texto publicado de qualquer forma, sem análises profundas o suficiente para dar notoriedade a determinado projeto. Mendes (2021), ressalta que o jornalismo sério “não deve se manter preso à subjetividade do seu próprio gosto enquanto também consumidor/público, o que comumente gera as exclusões contraditórias e as abordagens injustas”.

Rossetto e Silva (2012), asseguram que quanto maior a compreensão e menor a relevância, para o indivíduo, sobre o assunto pautado pelos veículos jornalísticos, o interesse público não se sente apto para ser orientado. Acerca disso, Guttman (2006), reitera:

Diferentemente do paradigma anterior sobre os efeitos fortes da mídia, baseado em processos comunicativos diretos, intencionais e episódicos, as correntes atuais de análise situam os efeitos da comunicação no âmbito sociocultural como um fenômeno cumulativo e de longo prazo. A audiência, antes vista como mera receptora de um conteúdo manipulável, passa a ser considerada ativa no processo de comunicação, tendo agora o poder de recolocar uma versão da realidade construída de acordo com sua bagagem cognitiva. (GUTTMAN, 2006, p.29)

Com isso, surge a pesquisa sobre o enquadramento (*framing*) de opinião, no qual Guttman (2006),

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

relata que este termo foi empregado pelo sociólogo Erving Goffman (1922-1982), no ano de 1974, para assimilar como os receptores de informação interpretam e espelham os fatos absorvidos, de acordo com o modo no qual regem o cotidiano.

Para Rossetto e Silva (2012), os estudos dissertados sobre o *framing* buscam, “examinar como são patrocinados por atores políticos, como jornalistas empregam enquadramentos na construção de histórias noticiosas, como essas histórias articulam enquadramentos e como a audiência os interpreta”, (2012, p.106). Já Guttman (2006), justifica que o enquadramento se refere a como a pauta disseminada pela mídia é recebida e esplanada pela esfera pública.

A falta de aprofundamento na aquisição de informações do projeto musical a ser estereotipado e analisado jornalisticamente impõe, ao público interessado, uma falsa veracidade opinativa do que devem, ao não, consumir enquanto amantes da música, assim, desmerecendo toda uma cena cujo espaço em veículos de imprensa especializados é limitado.

O que está sendo defendido, ressalto, é que tal senso não deve atender às polarizações grosseiras a que ele foi e continua sendo submetido (como: pop x popular; ou as definições já prontas sobre: o que tem valor x o que não tem valor). Dicotomias fáceis como estas comprometeram significativamente a efetividade da cobertura jornalística da cultura neste tempo. (MENDES, p.13, 2021)

Em contrapartida à falta de comprometimento informativo com a verdade, a importância de veicular matérias culturais otimizadas, especializadas em música, enquanto formadores de opinião, pode possibilitar, e instigar, o interesse do público acerca de artistas e bandas locais?

Sobre isso, Golin (2009), aponta a relevância da difusão cultural em veículos de imprensa: “Muitas vezes, será apenas por meio daquele enunciado, daquela situação de leitura, que um sujeito terá acesso mínimo e parcial a uma determinada obra de arte ou experiência artística”. (p.4, 2009)

Para McCombs (2008), a ponte que liga a classe artística musical e os possíveis espectadores advindos da mídia jornalística está embasada na necessidade por orientação. Ainda de acordo com o autor estadunidense, o principal fator que motiva o indivíduo a utilizar a mídia é a curiosidade por determinado assunto e a opinião dela, “No passado, isso levava as pessoas a lerem o jornal ou

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

a assistir a notícias na TV. Agora, evidentemente, há muitas outras possibilidades. Então, se olharmos para a internet, há muitos que vão se orientar por meio dela parcialmente” (p.219, 2008)

Cunha *et al.* (2002), destacam duas características empregadas ao jornalismo cultural como parte da indústria que rege os interesses acerca dos conteúdos a serem publicados pelos veículos de imprensa e seus respectivos ganhos por meio das divulgações de informações ‘mercantilizadas’:

“Primeiro, pelo próprio fato de o jornalismo ser resultado de um processo industrial, com as imposições e limites próprios desse processo. [...]. A segunda influência diz respeito ao próprio campo de cobertura do jornalismo cultural – a produção cultural – que também sofre o impacto da industrialização e conseqüentemente da mercantilização” (Cunha *et al.*, p.4-5, 2002)

Desta forma, seria válido afirmar o poder que o jornalismo cultural pode exercer como um difusor de relevância, visibilidade e opiniões acerca da cena artística local. Sobre isso, McCombs (2008) acrescenta que, o que é visto como relevante pela imprensa e acolhido pelo público, é de fato, rapidamente consumido e disseminado dentro e fora da bolha social.

PROCESSO DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DO TRABALHO

(nível descritivo)

A curiosidade em compreender mais sobre o mercado local da cena do rock maceioense e a escassez de oportunidades para as bandas do nicho, me despertou o desejo de contar histórias relacionadas ao meio musical que, apesar de dispor de qualidade sonora, não é valorizado como deveria.

Dito isto, entre os meses de maio e setembro de 2023, foram realizadas pesquisas, análises e entrevistas que puderam embasar o problema central deste trabalho que pôde estudar sobre os modos que o jornalismo cultural, enquanto formador de opinião, pode promover a cena do rock maceioense e cada uma das seis reportagens produzidas para compor o caderno especial, cujos temas variam entre misoginia, saúde mental, oportunidades adquiridas no cenário do rock da capital alagoana e a visibilidade.

As coletas de informações aconteceram por intermédio de buscas em revistas eletrônicas, bibliotecas online, sites acadêmicos especializados, como SciELO e o Google Scholar, e dez entrevistas concedidas por fontes com vivências ligadas à música e a psicologia, fatos que foram destrinchados através de cada um dos temas propostos que agregaram ao caderno cultural produzido durante este período.

Para a elaboração das reportagens que compõem o Cena em Síntese, nome escolhido para o caderno especial, foram escolhidos seis temas que, no decorrer das matérias criadas, se interligam. Assuntos importantes a serem expostos e debatidos numa cidade em que os veículos de imprensa tradicionais não abordam ou não dispõem atenção necessária para a difusão dos fatos dissertados.

O tema central que engloba cada uma das reportagens especiais expõe experiências vividas na cena, seus problemas enquanto movimento musical pouco difundido pelos veículos de imprensa em Maceió e como esse fator impacta na saúde mental, na luta por espaço igualitário de gênero, na produção de eventos públicos e contratações de pernoite em estabelecimentos da capital.

Dentre as dez pessoas que concederam entrevista, fizeram parte especialistas da área de psicoterapia, influencer da cena em Maceió, músicos em atividade (covers e autorais) e frequentadores de bares cujas atrações favoritas pertencem ao gênero do rock. Grupo composto por quatro mulheres e seis homens com faixa etária entre 22 e 45 anos,

PROCESSO DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DO TRABALHO (nível descritivo)

aproximadamente 15 anos de diferença, que culminaram em experiências vivenciadas e compartilhadas de formas distintas durante os bate-papos.

Dentre as mulheres, duas concederam entrevista sobre a misoginia no rock — e vertentes — local. As vocalistas de heavy metal Anyta Deyse e pop rock Natasha Aretha comentaram como lidam com a escassez de oportunidades e o preconceito durante as jornadas de apresentações cujo público, em sua maioria, é composto por homens conservadores. Nesta pauta, contém ainda, informações embasadas em dados apanhados em artigos científicos, documentários e matérias jornalísticas.

No segundo tema escolhido, a saúde mental no âmbito do rock é destrinchada com coleta de dados em revistas científicas, reportagens ligadas ao assunto e um bate-papo esclarecedor sobre o comportamento da mente, relacionado às frustrações na trajetória musical, vulnerabilidade aos distúrbios mentais e a instabilidade financeira com a psicoterapeuta Niely Barros.

Complementando a pauta anterior, o enfermeiro e vocalista (e multi-instrumentista) de metal, Pedro Eduardo proporcionou uma entrevista sobre a romantização da *multiatividade* que adota o dilema sobre seguir o sonho musical, mas continuar com emprego com carteira assinada para garantir o sustento no dia a dia. Fatores que sucedem sobrecargas de trabalho e põe em risco o bem-estar mental. Os comentários de Pedro são discutidos com pesquisas sobre a situação a qual enfrenta.

A quarta matéria especial analisa as possibilidades que as bandas dos nichos covers e autorais — de rock — detém para conseguir sustento e visibilidade com o auxílio das políticas públicas maceioenses. Com entrevistas concedidas pela vocalista Katty Winne, o baterista Victor Slave e o funcionário público Adriano Silva, somadas a pesquisas de eventos do setor público cultural, a discussão central retrata a carência de apoio no cenário roqueiro local e expõe como o setor público pode enxergar o cenário roqueiro local: investimento ou custo?

Para fundamentar a reportagem especial seguinte, houve uma coleta de informações exclusivas para o Cena em Síntese, a qual expôs a alta considerável do número de bandas covers e autorais em estabelecimentos comerciais, em especial, no Rex Bar Jazz, durante o período de afrouxamento do isolamento social até meados de 2023. Além da pesquisa, foram coletados depoimentos de frequentadores de estabelecimentos noturnos e músicos dos dois nichos de bandas, como os covers do Zona 8 e Som de Vinil e da autoral Katty Winne Band.

PROCESSO DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DO TRABALHO

(nível descritivo)

O fechamento do caderno especial sobre a cena roqueira maceioense apresenta o poderio midiático das redes sociais, alternativa a escassez de oportunidades na imprensa, que podem resultar em visibilidade para as bandas locais. Ponto que fez o funcionário público Adriano Silva criar o perfil Rock Maceió, no Instagram. Somados todas as redes sociais a qual a marca faz parte, o projeto detém quase 20 mil seguidores que conferem listas de apresentações, eventos e dicas sobre o que acontece na cena.

Todas as entrevistas, oriundas das pautas escolhidas, foram realizadas com o auxílio das redes sociais, através de mensagens de áudio e texto, sempre com atenção, e esclarecendo pontos que poderiam deixar lacunas e dúvidas no decorrer da produção das reportagens.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

(nível interpretativo)

Os resultados obtidos durante o processo de pesquisas, análises bibliográficas, entrevistas e produção das reportagens sobre os modos que o jornalismo cultural enquanto formador de opinião pode promover a cena do rock maceioense, intensificar lutas e prevenir problemas relacionados aos distúrbios mentais foram embasados em respostas concedidas pelas fontes entrevistadas e trechos retirados de obras de estudiosos oriundas de artigos e livros sobre o tratamento da cultura no jornalismo e suas respectivas reportagens.

Por meio do conteúdo analisado, em teoria, fica notória a importância da disseminação da cultura musical local em veículos jornalísticos. Visto que, assim como McCombs (2008) comentou sobre a relevância que determinados temas ganham ao serem mencionados pela imprensa, a cena do rock maceioense, ao deter espaço considerável em divulgações noticiosas de apresentações em eventos e afins, alcançaria mais visibilidade por intermédio da matéria jornalística, fato que seria convertido em impulsionamento na evidência do gênero musical e até mesmo na economia local, pois quanto maior o público, maior a circulação da moeda no comércio de lazer e entretenimento da região.

Destacar alguns dos vastos problemas presentes na cena também seriam motivos plausíveis que iriam angariar em relevância na área, como a distinção de credibilidade entre homens e mulheres, pautar a carência de possibilidades de ser visível aos amantes do gênero musical, os distúrbios mentais por medo de ser malsucedido na carreira. Questionamentos que aumentariam a percepção de que há uma cena rica em talentos locais em Maceió, âmbito que não detém alcance o suficiente e que, para muitos, fica inviável conseguir arcar custos ou sustento exclusivo da música.

Em contrapartida, na prática, são raros os espaços ofertados para agendas culturais de música, em especial rock e vertentes, da capital. Geralmente, divulgados durante as sextas-feiras, nas entrelinhas de periódicos, sejam impressos, televisionados ou online, este último, possibilitando um maior aprofundamento informativo acerca de onde é o *point roqueiro* da noite.

A difusão de conteúdos culturais locais pela imprensa não é algo corriqueiro, justamente pela falta de espaço nas colunas, escassez de novidades que instiguem público e investidores e — talvez —

RESULTADOS E DISCUSSÃO

(nível interpretativo)

pela carência de interessados no assunto. Sobre isso, Golin (2009) comenta que as matérias culturais seguem o fluxo do mercado: “Cedendo à sedução da linguagem publicitária, à limitação dos enunciados, aos processos de generalização e segmentação de públicos e veículos” (p.8, 2009). Fato que explica a insuficiência de publicações relacionadas ao rock de bairro.

Circunstância a qual Olinto (2003) destrincha a fundo, alegando o poderio midiático que a imprensa detém sobre a opinião pública, episódio que fortalece a relação notícia-receptor que, mais adiante é aderida seja pela credibilidade, empatia com o tema, experiências vividas e compatibilidades de convicções.

As lacunas de notícias sobre a música roqueira local é algo que ocorre com normalidade em território nacional. Situação que pode intensificar a falta de interesse aos que não frequentam a cena boêmia por não acompanhar as mídias digitais de pubs e restaurantes que contratam artistas e bandas do gênero.

CONSIDERAÇÕES

Assim como Olinto (2003) afirma, é visível que a disponibilização de informações sobre a cena musical de rock local em veículos jornalísticos tem influência o suficiente para, através da visibilidade de forma gratuita, auxiliar a manutenção e o investimento de terceiros no rock maceioense, o que vai garantir contribuição direta com a possibilidade de obtenção de prestígio e, o acréscimo na renda dos músicos, dos contratantes e na economia da capital.

Há uma dedução arcaica dos chefes de redação no qual coincide com o tempo útil de lazer da população. De acordo com Golin (2009), é evidente que as produções e difusões de pautas culturais aderem a “orientação para o uso do tempo livre” (p.7, 2009) para promover notícias de setores relacionados ao entretenimento. E isso, intensifica a quase escassez de difusão de matérias de uma cena que tem méritos o suficiente para ser notada.

O poder informador do jornalismo, seja cultural ou não, fornece conhecimento em determinados assuntos os quais não estamos familiarizados, mas temos algum interesse, este motivo, viabiliza a curiosidade e a apreciação de um público-alvo exigente. Fato que Golin (2009) ressalta, comentando que o poder da mídia é fundamental para “a consagração ou a descoberta de novos talentos” (p.7, 2009).

Dito isto, é notório afirmar que, ao ser beneficiado com a visibilidade de jornais de fácil acesso, como canais de tv abertas e jornais impressos ou digitais, o cenário do rock local, cujos méritos são indiscutíveis, pode transformar trajetórias de vida e carreira e auxiliar no crescimento da economia da região através do setor público e privado. Porém, não é algo que tem potencial de crescimento imediato, mas sim gradativo, com o apoio da mídia e dos fãs do gênero musical.

REFERÊNCIAS

- BALLERINI, Franthiesco. **Jornalismo cultural no século 21: Literatura, artes visuais, teatro, cinema, música [A história, as novas plataformas, o ensino e as tendências na prática]**. Summus Editorial, 2015.
- DAMASCENO, Patricia Lopes. **O design editorial da cultura: um estudo do projeto gráfico do Segundo Caderno do jornal Zero Hora**. 2012.
- FARO, José Salvador. **Reportagem: na fronteira do tempo e da cultura**. Verso e Reverso, v. 27, n. 65, p. 77-83, 2013.
- GOLIN, Cida. **Jornalismo cultural: reflexão e prática. Sete propostas para o jornalismo cultural: reflexões e experiências**. São Paulo: Miró Editorial, p. 23-38, 2009.
- GONÇALVES, Elizabeth Moraes; DOS SANTOS, Marli; RENÓ, Denis Porto. **Reportagem: o gênero sob medida para o jornalismo contemporâneo**. Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación, n. 130, p. 223-242, 2015.
- GUIRADO, Maria Cecília. **Reportagem: a arte da investigação**. Arte & Ciência, p. 22, 2004.
- GUTMANN, Juliana Freire. **Quadros narrativos pautados pela mídia: framing como segundo nível do agenda-setting?** Contemporanea| Revista de Comunicação e Cultura, v. 4, n. 1, 2006.
- IJUIIM, Jorge Kanehide; SUIJKERBUIJK, Herma Aafke; SCHIMIDT, Laureane de Queiroz. **Jornalismo: entre o objetivo e o subjetivo**. Estudos em Jornalismo e Mídia, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 137-148, 2008.
- JÁCOME, Phellipy; VIEIRA, Itala Maduell. **O lado B do jornalismo: como os cadernos culturais entram na história**. Revista Contracampo, v. 37, n. 3, 2018.
- LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 3ª ed., Rio de Janeiro: Record, 2001.

REFERÊNCIAS

LOPES, Debora; FREIRE, Marcelo. **O jornalismo cultural além da crítica: um estudo das reportagens na revista Raiz**. Universidade de Ouro Preto, 2004. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/267966803_O_jornalismo_cultural_alem_da_critica_um_estudo_das_reportagens_na_revista_Raiz, 2007. Acesso em: 15 fev. 2024.

MCCOMBS, Maxwell. **Um Panorama da Teoria do Agendamento, 35 anos depois de sua formulação**. Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo, v. 31, n. 2, p. 205-221, jul./dez. 2008.

MELO, Tatiana; SILVA, Telmo. **A Reportagem em contexto de Jornalismo de Proximidade**. Estudos em Comunicação, n. 22, 2016.

MENDES, Daniel. **Jornalismo cultural, música e distinção: a questão do valor na cobertura da revista Rolling Stone Brasil**. Anais–XVII ENECULT, Salvador, v. 1, p. 1-15, 2021.

OLINTO, Krieger Heidrun. **Literatura, cultura e ficções reais**. In: Literatura e cultura. Org. Heidrun Krieger Olinto e Karl Eric Schollhammer. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.

ROSE, Angeli, 2017 **Jornalismo Cultural: um exercício de valor**.

ROSSETTO, Graça Penha Nascimento; SILVA, Alberto Marques. **Agenda-setting e Framing: detalhes de uma mesma teoria?** Intexto, n. 26, p. 98-114, 2012

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira; DE SIQUEIRA, Euler David. **A cultura no jornalismo cultural**. Lumina, v. 1, n. 1, 2007.

SILVA, Roberta Neri da. **Caderno especial a reportagem como narrativa documental**. 2019.

TEIXEIRA, Nísio. **Impacto da internet sobre a natureza do jornalismo cultural**. Belo Horizonte: PUC-MG/UNI-BH, 2002.

PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. Editora Contexto, 2007.

REFERÊNCIAS

Caderno Especial

GUZZO, Pedro Henrique; MARIMOTO, Akemy. **Por que que fazem a música: levantamento digital sobre assédio e discriminação.** União Brasileira de Compositores (UBC), 2023. Disponível em: <https://www.ubc.org.br/anexos/publicacoes/Por-Elas-Que-Fazem-a-Musica-2023-ad.pdf>. Acesso em: 31 mai. 2023.

Dentro da Cena: Entenda A Realidade Das Bandas Brasileiras Com Mulheres. União das Mulheres do Underground, 2021. Disponível em: <https://uniaodasmulheresdounderground.wordpress.com/2021/03/18/dentro-da-cena-entenda-a-realidade-das-bandas-brasileiras-com-mulheres/>. Acesso em: 29 mai. 2023

DE PAULA, Fabiana. **Mulheres no rock: Por que ainda somos tão poucas.** Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.

CUNHA, Jessica Rodrigues Araujo et al. **Afinal, por que os homens não querem as mulheres com esse tal de roque enrow? uma análise sobre as relações de gênero no rock 'n'roll.** 2019.

Documentário Deixa ela tocar, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7FZKSDsbulo>. Acesso em: 25 ago. 2023.

EGGERTSEN, Chris. **New Study Finds 73% of Independent Musicians Suffer From Symptoms of Mental Illness.** Billboard, 2019. Disponível em: <https://www.billboard.com/music/music-news/mental-illness-independent-musicians-study-73-percent-record-union-8509490/>. Acesso em: 30 mai. 2023.

Saúde mental de 9 em 10 músicos do Reino Unido piorou no último ano, diz estudo. Revista Rolling Stones. Disponível em: <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/saude-mental-de-9-em-10-musicos-do-reino-unido-piorou-no-ultimo-ano-diz-estudo/>. Acesso em: 06 ago. 2023

REFERÊNCIAS

Impact psychologique des conditions d'exercice de l'ensemble des métiers du spectacle vivant et du divertissement. INSAART, 2021. Disponível em: <https://www.insaart.org/l-%C3%A9tude>. Acesso em 26 ago. 2023.

GROSS, Sally Anne; MUSGRAVE, George. **Can Music Make You Sick?: Measuring the Price of Musical Ambition.** University of Westminster Press, 2020.

KENNY, Dianna Theadora. **Stairway to hell: life and death in the pop music industry.** The Conversation, 2014. Disponível em: <https://theconversation.com/stairway-to-hell-life-and-death-in-the-pop-music-industry-32735>. Acesso em 26 ago. /2023.

KENNY, Dianna Theadora. **The 27 Club is a myth: 56 is the bum note for musicians.** The Conversation, 2014. Disponível em: <https://theconversation.com/the-27-club-is-a-myth-56-is-the-bum-note-for-musicians-33586>. Acesso em: 26 ago. 2023.

KENNY, Dianna Theadora; ASHER, Anthony. **‘No reason for livin’: early death in female popular musicians.** The Conversation, 2016. Disponível em: <https://theconversation.com/no-reason-for-livin-early-death-in-female-popular-musicians-61162> . Acesso em: 26 ago. 2023.

A romantização da vida multiatividade de artistas que sonham em viver da música

SCHÜTZ, Gabriel Eduardo et al. **“Você é cantor, mas vive do quê?”: a invisibilização social do cantor como trabalhador.** Per Musi, n. 41, p. 13, 2021.

Guadarrama Olivera, Rocío, Alfredo Hualde Alfaro e Silvia López Estrada. **“Precariedad laboral y heterogeneidad ocupacional: una propuesta teórico-metodológica”.** 2012. Revista Mexicana de Sociología 74 (2), p, 281.

BRITO, João. **Cultura divulga edital para a 4ª edição do Festival do Rock de Alagoas.** Site Governo de Alagoas, Secult, 2023. Disponível em: <https://alagoas.al.gov.br/noticia/cultura-divulga-edital-para-a-4-edicao-do-festival-do-rock-de-alagoas>. Acesso em: 20 jul. 2023.

REFERÊNCIAS

Contabilização de aparições da banda Fita K7 em eventos realizados ou apoiados pela prefeitura de Maceió. Disponível em: <https://www.instagram.com/fitak7.official/>. Acesso em: 22 ago. 2023.

Contabilização de aparições da banda John & Os Travoltas em eventos realizados ou apoiados pela prefeitura de Maceió. Disponível em: <https://www.instagram.com/johneostravoltas/>. Acesso em: 22 ago. 2023.

FRADKIN, Eduardo. **Cover ou autoral, o dilema de uma banda que busca espaço em bares.** União Brasileira de Compositores (UBC), 2023. Disponível em: <https://www.ubc.org.br/publicacoes/noticia/21436/cover-ou-autoral-o-dilema-de-uma-banda-que-busca-espaco-em-bares>. Acesso em: 04 jun. 2023.

Cover vs. Autoral: a infundável discussão. Roadie Metal, 2016. Disponível em: <https://roadie-metal.com/cover-versus-autoral-a-infundavel-discussao/>. Acesso em: 04 jun. 2023.

Recuero, Raquel. **Redes sociais na internet.** 2ª ed. Porto Alegre: Sulina. Coleção Cibercultura, p.116-118, 2011.

PEREIRA, Andréa Tolaini Gomes. **As redes sociais na disseminação de projetos musicais no Brasil.** Tese de pós-graduação em Mídia, Informação e Cultura. São Paulo: CELACC/ECA-USP, p.6. 2011.

TIMM, Daniel Fernandes O.'Donnell; TIMM, Enryco Raymundo. **A outra face do rock: como bandas utilizam o Facebook para divulgação.** Comunicação e Marketing e Publicidade e Propaganda – Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, Centro Universitário de Brasília. Brasília. 2013.